

Masculinidades Negras: Novos Debates Ganhando Formas

JUNIOR, Paulo Melgaço da Silva; CAMILO, Vandelir (Orgs.).

Masculinidades Negras: novos debates ganhando formas. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2022, 340p.

Luciana Moreira de Araujo¹

Artigo recebido em setembro de 2022

Artigo aprovado em outubro de 2022

A coletânea ora apresentada incorpora o debate sobre masculinidades negras na relação de diferenças e continuidades com outras linhas dos estudos de gênero. Já no prefácio de Tom Farias, a proposta de escrutinar masculinidades questionando padrões herdados da cultura hegemônica indica a aproximação de elementos constitutivos do novo e necessário pensamento social.

Observamos as masculinidades negras no epicentro de francos diálogos interdisciplinares e interseccionais, com as categorias gênero, raça, racismo, sexualidade, orientação sexual, parentalidade, Estado, classe social, território, juventude e resistências. Uma vez reconhecidas, tais categorias estruturam epistemologias apagadas e ontologias historicamente esvaziadas. E movem fronteiras dos campos de saberes incidindo nos binarismos reducionistas, sem perder de vista a historicidade e totalidade dos processos sociais.

Para cumprir o desafio Paulo Melgaço e Vandelir Camilo reuniram 30 pesquisadoras e pesquisadores na composição do livro. A primeira parte forma 13 artigos, a seguir:



Monica F. Aprígio no artigo “Nesse lugar de mãe de meninos pretos”, discorre sobre gestar e parir um homem preto em uma sociedade marcadamente racista. Defronta a inviabilidade de lugares equânimes para homens brancos e negros, originada na escravização de povos africanos. Ressalta reflexões produzidas pelo feminismo negro, pois antes da chegada do menino preto, há uma mulher preta com indagações sobre maternidade em todos os seus aspectos, acrescida das especificidades das masculinidades negras. Concomitante ao receio há um legado de ancestralidade, matriarcado e comunidade.

Ainda tangenciando com parentalidade, Yago Elói em “Paternidades Negras: transformando o drama em um ato político de resistência”, explora condições da paternidade como constructo, campo de emoções e cuidado, sob influências da masculinidade hegemônica; restrita ao sobrenome no registro de nascimento (que representa um privilégio na realidade brasileira) e quando existe presença física, não raro, reproduz modelos herdados de trocas afetivas empobrecidas. Propõe repensar a paternidade negra, a fim de evitar armadilhas reducionistas falocêntricas. No interstício entre o amor e as pressões socioculturais capitalistas, racistas e coloniais, defende o amor como empoderamento político.

“Constrangendo pela raça: homens negros gays nas tramas do genocídio e das masculinidades”, de Diogo Sousa, discute vidas ceifadas de homens negros gays no engendramento retroalimentado entre o genocídio negro – entendido como conjunto de ações de extermínio organizadas pelo Estado – e a homofobia. Ressalta estratégias de politização do sofrimento negro nos movimentos ‘casa afora’ e ‘casa adentro’: O primeiro pautado em insurgências coletivas no enfrentamento às violências oriundas de estruturas de dominação; o segundo traduz o esforço de produção de conhecimento no interior das comunidades negras.

A cartografia “Bichas pretas, pássaros-músicos e outras vertigens curriculares – Para além da comunidade do mesmo” de autoria de

Kauan Almeida, discorre sobre corpos pretos e dissidentes sexuais na escola. Implicado em experimentar ‘por dentro’ a construção da pesquisa e os efeitos da sua presença no território, rompe com a objetividade cartesiana e lança mão de timbre quase lírico, para conhecer o percurso trilhado por sujeitos que se posicionam fora de binômios de gênero e raça.

“Do desejo ao ódio, do enquadramento à opressão explícita: Travestilidade, intersexualidade e masculinidade” de Carolina Iara R. de Oliveira, apresenta um relato em primeira pessoa, combinando vivências e estudos na perspectiva da travestilidade e da intersexualidade (outrora conhecida como hermafroditismo). Desafia as determinações de masculino e feminino sob o prisma de duas identidades: de gênero contra-hegemônica (a travesti) e político-biológica da intersexualidade.

Leonardo Morjan B. Peçanha escreve o “Ensaio sobre as Transmasculinidades Negras Brasileiras: reflexões sociais e demandas políticas”. Destaca negligências por parte do Estado, principalmente nas demandas de saúde, inclusive sobre direitos sexuais e reprodutivos; bem como, explora lugares do imaginário social alvo de expectativas naturalizadas. Ressalta que experiências transmasculinas negras são amplas, acolhem subjetividades e não se propõem à conformação assemelhada ao homem cisgênero.

Daniel Veiga em “O homem que meu pai não foi” apresenta narrativa pessoal sobre a transição de mulher parda ao homem preto. A transição realizada no Sistema Único de Saúde encontrou no teatro, um locus paralelo de elaboração e expressão. Sua peça ‘Camilo’ desenvolvida no Núcleo de Dramaturgia do SESI-SP une memórias, trajetórias e elaborações que forjam sua masculinidade. Às cobranças cotidianas sobre estereótipos associados, ele responde que pode ‘não ser’ o homem (branco e cisheteronormativo) que seu pai foi.

“Masculinidades negras e Educação: entre passados e futuros”, de William Melo questiona interpretações sobre meninos negros “alunos-problema”, além de discursos de culpabilização da família.



Expõe resultados de pesquisas sobre o tempo de estudo, transições e evasões escolares, e probabilidade de homicídio para homens negros menos escolarizados. Propõe ações inclusivas de pautas racializadas e antirracistas, trazendo experiências metodológicas favoráveis aos estudantes mais vulnerabilizados, especialmente quanto ao gênero e à raça.

Jean Pierry L. O. dos Santos, Roberto C. da S. Borges e Samuel S. R. de Oliveira, no artigo “A Operacionalização do Racismo e da Homofobia sobre corpos negros homossexuais”, exploram minúcias do racismo nas estruturas político-administrativas, subjetividades e relações cotidianas, que tratam pessoas negras como exceção, frente à hegemonia branca. O ‘masculinismo negro’ simula resposta do movimento negro na órbita de identidade ou essência, associada ao seu corpo e produz exclusão e violências para mulheres e homossexuais. Urge o debate sobre o jugo da cisheteronormatividade perversa e estigmatizante para todos implicados neste processo.

Leandro de Brito e Paulo Melgaço, no artigo “Homens negros no esporte: um olhar sobre masculinidades dissidentes no voleibol” problematizam marcadores raça, orientação sexual, masculinidade e juventude. A suposta neutralidade de outrora foi desafiada pelas narrativas de sujeitos jovens, negros, bissexuais ou homossexuais. Os autores recorrem à interseccionalidade para refletir como categorias de diferença produzem desigualdades marcadas por relações de poder assimétricas.

O artigo “Tudo que falam que um homem não é pra ser, eu sempre fui: masculinidades e negritudes no discurso de sujeitos do hip-hop em Duque de Caxias/RJ” de Wallace O. Modesto, Fábio S. de Almeida e Gabriel Merlim M. Villela, analisa masculinidades negras na conjugação com territórios periféricos, classe social, resistências contra-hegemônicas e o modo como tais categorias produzem subjetividades, pertencimentos e ressignificações como respostas para o apagamento e genocídio negros.

O grupo de autores Luiz Valério S. C. Junior, Allison K. dos Anjos, Danilo Martins R. Pereira e Andressa C. dos Santos discorre sobre a “Inseparabilidade das vulnerabilidades racial e LGBTfóbicas nas masculinidades”. Ressaltam a (re) construção social – teórica e prática – do masculino e de masculinidades no movimento da sociedade, observando a pluralidade de sujeitos dentro do ser homem. Consideram a multiposicionalidade na pesquisa de gênero, rompendo com ideias únicas de relação direta entre homens e masculinidades versus mulheres e feminilidades, alcançando outras representações diversas e transversas.

Vandelir Camilo e Paulo Melgaço encerram a primeira parte da coletânea com o artigo “Masculinidades negras em perspectiva histórica: A história de vida do médico dr. José Mauricio Nunes Garcia Junior (1808-1884)”. Um mergulho na construção de masculinidades de homens negros livres no Rio de Janeiro escravocrata do século XIX, e a relação com as políticas raciais, gênero e poder. Os processos de subalternização associados ao falocentrismo coexistiram com negociações com o discurso racial vigente. Sujeitos de vulto, adeptos da ideia de miscigenação, naquele contexto específico, construíram masculinidades pedindo dispensa do “defeito de cor” como estratégia na busca por cidadania e ‘liberdade’.

Conhecer a construção das masculinidades em períodos históricos distintos é recurso de enfrentamento da narrativa colonial que apaga fatos e trajetórias.

A segunda parte do livro lança quatro questões problematizadas por Alan Augusto de M. Ribeiro, Deivison Faustino, Elisete S. da Cruz, Henrique Restier, Jonas Alves da S. Junior, Júlio Cerqueira, Márcio Caetano, Megg Rayara G. de Oliveira, Osmundo Pinho, Rolf Malungo, Suely Messeder, Tarcísio Manfrenatti e Paulo Melgaço. Sobressaem-se na diversidade de respostas, direções sociais, críticas e pontos de atenção, bem como os avanços no campo social e epistemológico das masculinidades negras. São elas:



1) o campo de pesquisa em masculinidades atualmente; 2) Como você analisa a relação entre o campo das masculinidades e outras disciplinas e campos de pesquisa; 3) entre saberes e fazeres; e 4) questões metodológicas, teóricas e temáticas que você considera fundamentais para o desenvolvimento deste campo.

Por fim, o posfácio visceral de Azula Cristina P. da Silva baseado em experiências reais, propõe reelaborações a partir de poemas e músicas que percorrem da realidade social ao campo dos afetos.

Sem dúvida, uma leitura transgressora e indispensável que a despeito da centralidade nas masculinidades negras, não se mostra restrita, desafiando para outras reflexões e interseccionalidades, assim como a relação dialética entre as dimensões micro e macrosociais.

Nota

- 1 Assistente Social. Doutora e Mestre pelo Programa de Pós-Graduação do Departamento de Serviço Social PUC-Rio. E-mail: lma17rj@gmail.com, Orcid nº 0000-0001-7776-9916